

## NÓS, ESSA GENTE: CHICO BUARQUE E A CONSTRUÇÃO LITERÁRIA DE UM DEVIR BRASILEIRO

Murilo Canella\*

Antiga é a discussão sobre a arte ser uma forma autônoma ou ser a representação condicional do mundo que a estrutura. Desse macróbio deblaterar pode-se inferir que a suposta *oposição* entre a autonomia e a reflexividade é uma *complementaridade*: a arte, enquanto forma, é um constructo objetivo autônomo viabilizado socialmente. As análises sociais e formais coexistem, e a obra sobreviverá a ambas.

A metafísica da cultura de Georg Simmel (2006) sintetiza essa complementaridade. Na relação entre vida e forma, a forma artística realiza-se mediante a objetivação do conteúdo vital da subjetividade criadora, autonomizada e inserida no tempo histórico das objetivações culturais com um *status sui generis*. A *vitalidade subjetiva é objetivada através da forma*, sujeita, por sua vez, ao juízo histórico e à produção textual da crítica. Tal processo de objetivação, subjetivação e ressubjetivação é, para Simmel, a dinâmica própria da cultura, esse constructo socializante que conforma o fluxo contínuo da vitalidade da vida em *formas* que viabilizam subsequentes ressubjetivações numa expansão infinita. Daí a relação perpétua entre *cultura objetiva* e *cultura subjetiva*: a subjetividade progenitora de uma forma cultural está numa dupla interação com o entorno social enquanto polo constituinte e parte relacionada. Essa dinâmica interação permite situar teoricamente a produção literária *como* obra de um sujeito-autor em sua individualidade, composta pela idiosincrasia do *self* e pelo contexto sócio-histórico (STEINER, 2001, p. 46). Uma obra literária é, portanto, uma forma cultural objetivada através de uma subjetividade estruturada por interações sociais.

O último romance de Chico Buarque é símbolo dessa ambivalência. *Essa Gente* é um marco em sua prosa. Além de conter temas caros às precedentes obras – como a reflexão sobre a linguagem e o jogo semântico de espelhos entre a literatura e a vida –, a *crise* é o elemento central. Na forma de diário, o romance retrata a vida de Manuel Duarte, um decadente escritor que vive, em 2019, da pregressa fama de seu romance histórico do ano 2000, *O Eunuco do Paço Real*. Rodeado por dois divórcios, um filho púbere desencaxado de sua vida, prostitutas, alugueis atrasados e ordem de despejo, um romance estagnado sempre a ser entregue nos próximos três meses, um Rio de Janeiro esvaído perante o iminente risco físico e ético de desabamento, um Brasil desalentador governado por um presidente que sanciona a posse individual de quatro armas de fogo, rodeado por esse contexto, Duarte segue em suas caminhadas à procura de inspiração. Qual Fellini em *Oito e meio*, Chico faz da crise o conteúdo e a forma de *Essa gente*.

Chico é um esteta da língua portuguesa tanto em sua produção musical, enquanto exímio letrista, quanto literária, como dramaturgo, novelista e romancista, característica determinante de sua prosa inventiva e sofisticada. Em cento e noventa e três páginas o romance é escrito em prosa concisa, com períodos arquitetados e vocábulos precisos, num compósito estilo formal e coloquial. Na expressão de Sérgio Sant'anna (DALCASTAGNÉ; DIAS, 2016, p. 168), Chico é um *ecologista da palavra*.

A forma da narrativa é um complexo e fragmentado diário, que embaralha datas e distintas vozes em um jogo de espelhos. Existem níveis de leitura: o que Duarte, impassível, detalha de sua vida; o de suas ex-esposas, Maria Clara e Rosane, que dele e para ele falam; o

---

\* Graduado (2013) e mestre (2016) em Ciências Sociais na UNESP, Faculdade de Ciências e Letras (FCLAr), Campus Araraquara. E-mail: murilo\_canella@hotmail.com.

que o editor, Petrus, ironicamente escreve a Duarte e à Maria Clara; a onisciência da terceira pessoa que esporadicamente narra as ações de Duarte; os queixumes epistolares da Dra. Marilu Zabala, a juíza federal do Edifício Saint Eugene, em relação à libertina e inadimplente vida do condômino do 702; a paráfrase feita por Duarte, fruto de bloqueio criativo, do seu pretérito romance, acerca dos castrati, pobres jovens negros castrados para suprir o mercado de canto lírico com vozes angelicais; as transcrições em primeira pessoa dos telefonemas entre Duarte e Rosane e a inferência dos diálogos inoportunos. Esses níveis de leitura – compostos por vozes escritas em estilos distintos – formam um alarido que permite a compreensão da vida de Duarte e seu contexto social.

Com habilidade e ardil Chico manipula essa trama de vozes através de uma sofisticada síntese narrativa que nada mais é do que o romance que Duarte pena a escrever, desaguando na temática da vida como obra literária e a reflexão sobre a linguagem e suas possibilidades. Com uma escrita reflexiva, Chico transforma a ficcional existência de Duarte na ficção de seu tortuoso romance, enquanto este, a partir de “seu” ponto de vista e de “sua” pena, dá voz às pessoas/personagens que compõem “sua vida”. Erige-se uma hermenêutica dupla: a vida enquanto estrutura da escrita é também por ela estruturada, e a indissociabilidade e mutualidade entre vida e obra lega a Duarte a existência simultânea nos dois planos. Tal semântica literária faz a estruturante voz de Duarte ser a *gênese* e a *síntese* de vozes concatenadas, o que torna *Essa gente* um romance complexo, misterioso e composto, escrito ora em tom realista, ora nos tons oníricos do surrealismo, ora na forma confessional de diário e ora como um *puzzle* policial de final enigmático.

Chico é um artista político, na acepção substantiva de um indivíduo criticamente inserido no seu tempo. Os conflitos e as mazelas sociais, econômicas, políticas e culturais fomentaram a criação de canções, novelas e romances que retratam e questionam com sofisticação as basilares injustiças e desigualdades do Brasil. *Essa gente* é também um romance político. A contar pelas datas do diário, 2018 e 2019 são o cerne do romance, e a concatenação dos fatos políticos desastrosos ambientados no Rio de Janeiro é feita através de outro estratagema narrativo de Chico: Duarte vivencia e narra fatídicos acontecimentos políticos com naturalidade e objetividade sombrias, como um resignado e soturno espectador da tragédia cotidiana carioca.

Mas essa passividade é o auge de uma biografia política. Maria Clara, a primeira ex-esposa de Duarte, intelectualizada e de esquerda, tradutora que vive de traduções simultâneas em congressos e seminários, e nas horas vagas traduz Shakespeare por paixão, contrasta com Rosane, a segunda ex, arquiteta libertina da elite afeita a amantes ricos e festas badaladas, alheia a questões políticas e dona de um gosto duvidoso, como ter uma estátua dourada do presidente à janela do apartamento em bairro rico, ou a posse de um bonequinho palhaço que com um apertão esguicha cocaína do nariz vermelho. Duarte vagueia entre esses dois opostos femininos de forma direta, e, indiretamente, entre sonhos com travestis, aventuras com incontáveis prostitutas, e o romance platônico e proibido com Rebekka, jovem holandesa exilada no Rio, ativista e esposa de seu conhecido, Agenor, o reacionário sargento salva vidas negro do morro do Vidigal. Nessas errâncias, Chico atenta-se à invasão política da intimidade no mundo contemporâneo.

À parte das relações íntimas, Fúlvio Castello Branco é um advogado rico, casado com Denise, herdeira de fortuna com os nervos destroçados, amigo de infância de Duarte, cujo reencontro se dá por acaso no velório de seu jovem filho morto em acidente automobilístico. Afeito a maracutaias e malabarismos jurídicos para livrar seus delinquentes (e ricos) clientes, Fúlvio mostra-se filantropo com Duarte ao tentar angariar meios e fundos para seu sucesso internacional – uma suposta adaptação cinematográfica de seu romance – nos *happy hours* no Country Club, mas mostra uma face estúpida e violenta ao espancar um mendigo com traços

indígenas à saída do Club. Não à toa Chico cita o Country Club, o anacrônico clube aristocrático carioca que proíbe babás de usar o banheiro das “patroas”, além do caricato playboy que espanca mendigos nas horas vagas – dois símbolos da subjetividade escravagista que perdura na elite brasileira. Sem contar a Dra. Marilu Zabala, a juíza federal elitista e intrometida que inferniza Duarte no edifício Saint Eugene, o símbolo de uma cifra do poder judiciário brasileiro, reacionária, racista e patrimonialista.

Nesse heterogêneo círculo social Duarte pendula entre o Leblon e o morro do Vidigal, entre membros da elite, da classe média e da periferia, num Rio compósito e desigual, determinado politicamente pela gestão da inércia que reafirma e atualiza pretéritos conflitos sociais – o racismo, a necropolítica, a manutenção da discriminação e o asco das elites em relação às classes sociais subalternas e desassistidas. Um Rio de Janeiro que *ainda* é o símbolo de um Brasil ambivalente e conflituoso.

Também, em variadas passagens Chico faz um inventário dos costumes e do ideário da néscia, paranoica e histérica extrema direita que assombra o Brasil contemporâneo. Como um jantar de elite com garçons fantasiados de cavaleiros templários – simbolizando o ideal cruzadístico da eliminação do *outro* para recuperar um passado puro e harmonioso. Ou a ação policial em um sequestro que termina com o sequestrador baleado na cabeça e, depois de morto, salpicado por outros tiros, glorificados pelos fúnebres expectadores; além da represália policial à manifestação pacífica pela morte de um inocente negro no morro do Vidigal; e ainda, em tom resignado, Duarte assiste o cachorro de seu filho comer uma notícia do jornal onde se lia o homicídio, pelo exército, de um músico negro, alvejado oitenta vezes – nessas três passagens escancara-se o racismo estrutural encrustado na necropolítica carioca. É simbólico o pastor Jersey, que nos fundos da igreja mantinha uma clínica clandestina de aborto e castrações, e, em conluio com um pedófilo maestro italiano, castrava pobres jovens negros de vozes angelicais para suprir o mercado internacional de canto lírico – marcas da reificação e do hipócrita moralismo religioso que perverte uma parte das igrejas evangélicas. A invisibilidade social do porteiro destrutado por um rapazola endinheirado complementa o bullying que o filho de Duarte sofre no colégio de classe média por ser “filho de comunistas”: o retrato da insignificância dos trabalhadores comuns e a reprova e preconceito contra suas formas de representação política.

*Essa gente* é um romance sobre a crise: a crise do autor, a crise do personagem, a crise da narrativa e a crise política do contexto que a estrutura – uma crise substantiva, pressuposto da vida e da arte. A maestria de Chico está na concatenação da forma literária – fragmentada, inventiva e artilosa – ao seu conteúdo – com níveis de crise pessoal, econômica, cultural e política –, e o parto de uma obra que retrata o atual *Zeitgeist* brasileiro. Tornou-se lugar comum a pergunta: “como explicaremos às gerações futuras, com uma narrativa coesa, as barbáries e a irracionalidade que orientam nossa realidade coeva?”. *Essa gente* é de grande valia nessa explicação, pois é um sensível e inteligente testamento literário de um possível Brasil póstumo. E a sensibilidade e a inteligência nunca foram tão urgentes. Como grande artista, Chico cultivou – e cultiva – o poder das ideias.

## REFERÊNCIAS

BUARQUE, Chico. *Essa gente*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2019. 200 p.

DALCASTAGNÉ, Regina; DIAS, Ângela Maria (orgs.). *Sérgio Sant’anna: um autor em cena*. Rio de Janeiro: Eduff, 2016. 161 p.

SIMMEL, Georg. *La tragedie de la culture et autres essais*. Paris: Rivages, 2006. 253 p.

STEINER, George. *Nenhuma paixão desperdiçada*. Rio de Janeiro: Record, 2001. 418 p.

**Data de submissão: 28/09/2021**

**Data de aceite: 30/11/2021**